

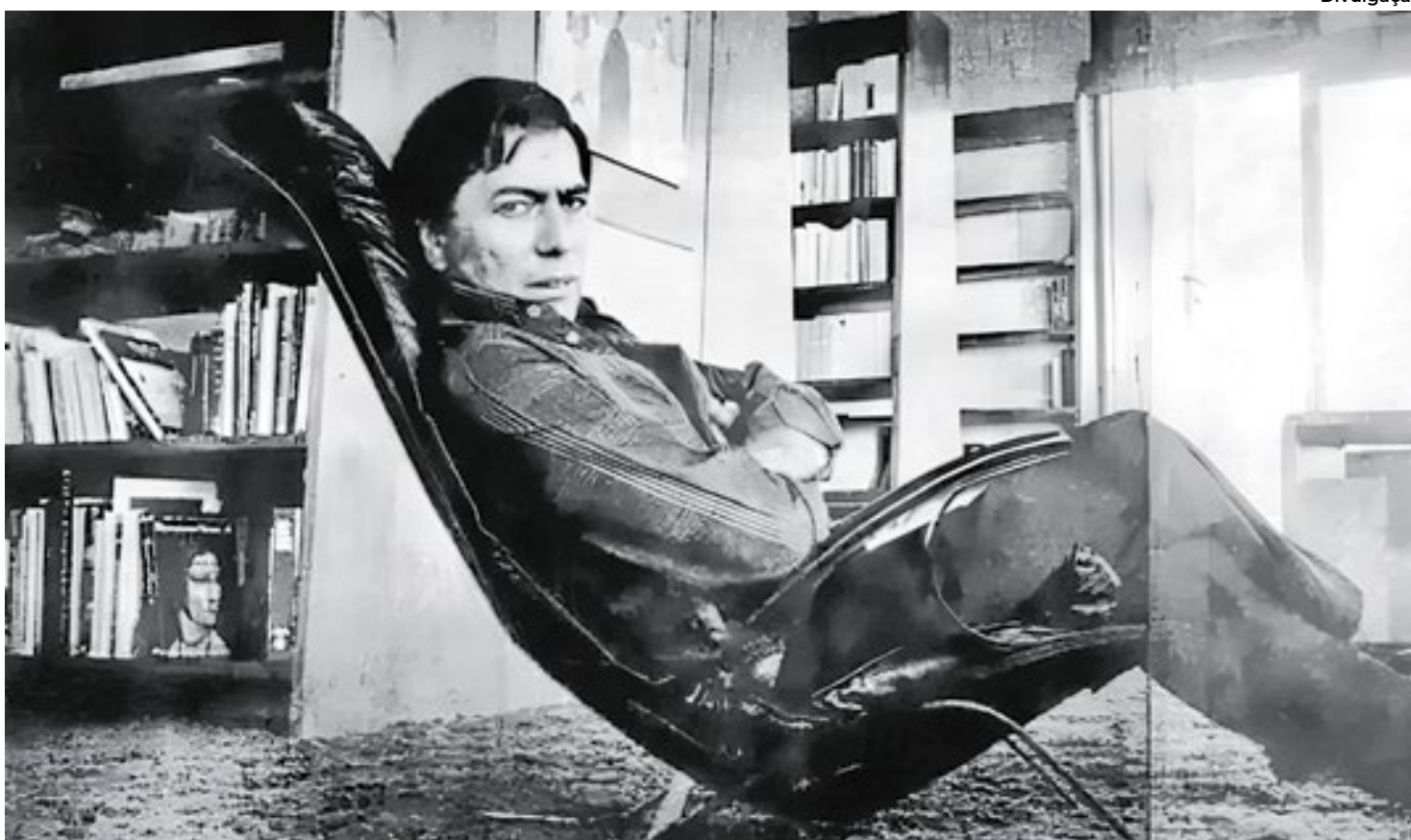
Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

O Prêmio Nobel de Literatura concedido em 2010 ao peruano Mario Vargas Llosa foi recebido com reticências pela intelectualidade de esquerda mundial. Socialista na juventude, Llosa atacara publicamente o regime cubano e se apresentara como candidato da direita em eleições presidenciais peruanas de 1990 – perdendo para o “esquerdista, pero no mucho” Alberto Fujimori, que no meio de seu mandato, fechou o Congresso no chamado “autogolpe”. O escritor, nessa época, vivia na Europa, voltando a dedicar-se exclusivamente à literatura, onde se mostrava um grande narrador e defensor da democracia, apontando incongruências em qualquer governo, principalmente nas ditaduras latino-americanas.

Como artista, Mario Vargas Llosa era de rara excelência. Ficcionista que dominava a narrativa como poucos, tinha a técnica dos grandes criadores de folhetins, prendendo o leitor de sua ficção em sucessivos capítulos que, geralmente, mesclavam a história política da América Latina com os arroubos sensuais de personagens eternamente dispostos a se apaixonar por mulheres irresistíveis. Seu legado literário não se restringe à ficção, mas a pesquisas sobre a arte e os fenômenos de comunicação que conheceu. Jovem, cursou Direito, mas exerceu o jornalismo e abraçou a literatura, que lhe rendeu reconhecimento com premiações diversas e uma vida confortável, além do prestígio como palestrante e professor em universidades internacionais. Em quase nove décadas de vida, deixa uma obra contundente, com a aposentadoria anunciada no posfácio de seu último romance, “Deixo a Você Meu Silêncio”, em que faz o elogio da música crioula peruana, como valsas, mariñeras, polcas e huanitos, por quebrarem barreiras raciais e sociais no encontro de migrantes nos bairros pobres de Lima.

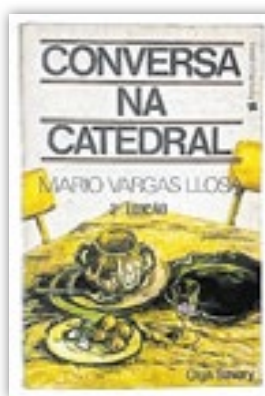
Contraditório e polêmico, Mario Vargas Llosa criou uma literatura de rara consistência, essencial para quem quiser entender a América crioula. Entre os muitos bons títulos, estão:



Cinco obras para **compreender** Vargas Llosa



Seu livro de estreia, de 1959, traz seis contos sobre os desafios enfrentados por jovens moradores de Lima



No bar Catedral, as conversas de um jornalista com um ex-motorista traçam o panorama histórico do Peru



Um comandante organiza a rotina dos encontros de prostitutas com sua tropa em missão na Amazônia



Um amplo painel da ascensão e queda da ditadura de 31 anos de Rafael Trujillo na República Dominicana



Um bairro pobre de Lima dá nome a essa denúncia da alienação dos novos ricos limenhos da era Fujimori